

O RELATO DA INFÂNCIA DE JESUS SEGUNDO O EVANGELHO DE MATEUS

Felipe Costa Silva
Marcos Augusto Ferreira Nobre

RESUMO

Os relatos da infância de Jesus contidos no evangelho de Mateus, nos capítulos 1 e 2, refletem o plano teológico do autor sagrado, que situa Jesus de Nazaré, o Messias esperado, na história do povo de Israel, e, por conseguinte, na história da humanidade. O objetivo desta breve investigação bíblica e revisão bibliográfica é evidenciar os elementos centrais da infância do Nazareno como coordenadas necessárias para uma compreensão da historicidade dos acontecimentos frente à reflexão teológica, bem como da articulação entre os dados da fé e da história. A metodologia utilizada é a de uma leitura crítica da Bíblia com análise da bibliografia exegética sobre o tema. Esperamos com este método lançar uma luz sobre a leitura do texto com ênfase nos elementos históricos como forma de complementação à investigação cristológica. Acreditamos que a investigação da pessoa histórica de Jesus não contradiz sua qualidade de Cristo da fé, quando feita em respeito dos textos sagrados.

Palavras-chave: Mateus. Evangelho da Infância. Cristologia.

RIASSUNTO

I racconti dell'infanzia di Gesù contenuti nel vangelo di Matteo, nei capitoli 1 e 2, riflettono il piano teologico dell'autore sacro, che colloca Gesù di Nazareth, il Messia atteso, nella storia del popolo d'Israele, e, di conseguenza, nella storia dell'umanità. Lo scopo di questa breve indagine biblica e revisione bibliografica è sottolineare gli elementi centrali dell'infanzia del Nazareno come coordinate necessarie ad una comprensione della storicità degli eventi dinanzi la riflessione teologica, così come l'articolazione fra i contenuti della fede e della storia. Il metodo utilizzato è quello di una lettura critica della Bibbia con analisi della bibliografia esegetica sul tema. Vogliamo con questo metodo gettare luce sulla lettura del testo con enfasi sugli elementi storici come modo di complementare l'investigazione cristologica. Siamo convinti che l'investigazione sulla persona storica di Gesù non contraddice la sua qualità di Cristo della fede, quando è messa in atto nel rispetto dei testi sacri.

Parole-chiave: Matteo. Vangelo dell'infanzia. Cristologia.

1 INTRODUÇÃO

Os séculos XIX e XX viram florescer um verdadeiro interesse pela historicidade dos evangelhos. O ambiente era marcadamente racionalista, porém, não antirreligioso. Esse interesse nasceu no bojo da exegese liberal protestante, que renovando os métodos de pesquisa ansiou confrontar o dito “Jesus da fé”, isto é, aquele da pregação cristã, com o “Jesus histórico”. O Jesus de Nazaré, criando uma verdadeira dicotomia entre ambos, como se não tratasse do mesmo e único Jesus de Nazaré, o Cristo. Exponentes do século XIX são, sobretudo, Adolf von Harnack, Martin Kähler e Albert Schweitzer (ZUURMOND, 1998, p. 21-29).

O século XX revolucionou a questão, sobretudo, pelo surgimento da Escola da História das Formas (*Formgeschichte*), que tem Rudolf Bultmann como principal expoente (ZUURMOND, 1998, p. 31-38), tendo influenciado profundamente a pesquisa exegética posterior. A questão central era estabelecer qual a relação entre a pregação cristã, e, portanto, entre a fé cristã, e a figura real e concreta de Jesus de Nazaré. Benito Marconcini afirma que “essencial para essa escola é a estreita relação com a fé do material sinótico. Este, antes de ser escrito, era objeto de pregação, destinada aos interessados de uma comunidade toda propensa a proclamar Jesus como Senhor” (2012, p. 24).

A busca pelo Jesus histórico e por aquilo que há de histórico nos evangelhos, reflete bem, em última análise, o espírito historicista da época. Não foi à toa que Bultmann levou às últimas consequências seu processo de “demitização” dos evangelhos a ponto de assegurar que não há continuidade histórica entre Jesus de Nazaré e o Querigma pós-pascal (MARCONCINI, 2012, p. 24-25).

Nesta investigação bíblica, vamos nos concentrar especificamente nos relatos da infância de Jesus, de acordo com o evangelho de Mateus, considerando os aspectos históricos presentes na narrativa com o intuito de construir um cenário histórico-geográfico no qual se possa situar Jesus de Nazaré. Chamamos de “investigação bíblica” a abordagem direta do texto do referido evangelho, sem, contudo verificarmos o texto original grego. Dessa forma, a narrativa de Mateus será nossa principal fonte de informações, juntamente com auxílio dos trabalhos de exegetas, historiadores e teólogos, sempre considerando que os evangelhos não são *de per sí* livros de história, mas relatos de fé que contém verdadeira história.

2 O EVANGELHO DE MATEUS: A INFÂNCIA DO MESSIAS

Cada Evangelho foi redigido de acordo com uma perspectiva, isto é, o projeto teológico do autor sagrado.

Conforme a Tradição, o primeiro evangelho da lista do cânon bíblico neotestamentário é atribuído ao apóstolo Mateus. A crítica moderna tende a considerar esse dado apenas como tradição. O consenso entre os estudiosos é que a redação do escrito coube a um judeu cristão, provavelmente antes do ano 70 d.C., destinado aos judeus convertidos que viviam na Palestina e arredores (HAHN, 2014, p. 19-21).

A perspectiva fundamental de Mateus situa-se na apresentação de Jesus como o Messias esperado pelo povo de Israel, aquele que cumpre todas as promessas do Antigo Testamento. Daí as constantes citações das profecias veterotestamentárias ao longo do texto. “Mateus proclama Jesus Senhor e mestre e o considera principalmente em uma perspectiva comunitária” (MARCONCINI, 2012, p. 74).

Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, formam os chamados evangelhos sinóticos, semelhança em sua estrutura redacional. Dos três, porém, somente Mateus e Lucas trazem relatos sobre a infância de Jesus (Evangelhos da Infância), sendo Lucas o mais rico em detalhes. Mateus, todavia, traz narrativas exclusivas, como é o caso da visita dos magos (Mt 2, 1-12), a fuga para o Egito, o massacre dos inocentes e o retorno para a Palestina (Mt 2, 13-23), o relato sobre a paternidade legal de José e o parto virginal de Maria (Mt 1, 18-25). Também se destaca a genealogia de Jesus, que em Mateus tem uma conotação diferente da de Lucas (Mt 1, 17; Lc 3, 23-37).

2.1 A GENEALOGIA DE JESUS

“Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1,1). Assim, Mateus inicia seu evangelho. De cara fica evidente quem é Jesus: Filho de Davi e Abraão, da linhagem messiânica (Davi), cumpridor das promessas do povo eleito (Abraão). “Ser da descendência de Abraão e Davi é o que estabelece as credenciais de Jesus e o legitima como o verdadeiro Messias esperado pelo povo de Israel” (HAHN, 2014, p. 27).

A genealogia de acordo com Mateus quebra o esquema tradicional das genealogias judaicas pelo fato de incluir o nome de mulheres, especificamente cinco, ao longo das gerações. Isto não é sem propósito e nem muito menos sem precedentes, como destaca Scott Hahn (2014, p. 28), já que também no primeiro livro das Crônicas encontra-se a inclusão de mulheres no corpo das genealogias (1Cr 1, 32. 39. 50; 2, 4). Assim, a referência a essas mulheres - presentes na história de Israel - é feita em razão do projeto teológico do autor sagrado.

As mulheres integram o conjunto da narrativa significando a presença dos gentios na linhagem do Messias, o que significa a acolhida no Reino dos Céus também dos pagãos, não somente de Israel. O Reino dos Céus,

inaugurado pelo Messias, é para todos os povos da terra. São elas: Tamar (Mt 1,3), Raab (Mt 1,5), Rute (Mt 1,5), a mulher de Urias – Betsabeia (Mt 1,6) e Maria (Mt 1, 16), sendo que Tamar, Raab e Betsabeia estão associadas a pecados de imoralidade sexual (Gn 38; Js 2; 2Sm 11).

Também os gentios colaboram com o plano salvífico de Deus, e como tal, estão inseridos na linhagem do Messias, conforme salienta Marconcini:

O Deus que salvou ao longo de tantos séculos, agora manifesta a sua plenitude de salvação por meio daquele menino, chamado precisamente Salvador-Jesus. Deus também salvou por meio de pessoas depravadas, como Manassés, o ímpio, Raab (cf. Js 2), a prostituta, Betsabeia (cf. 2Sm 11), a adúltera, aqui, por uma perífrase chamada (“esposa de Urias”) e por meio de pessoas estrangeiras, como Rute, a moabita, agora salva por meio do esperado Messias do seu povo. (2012, p. 143)

Ainda sobre a inclusão das quatro mulheres pagãs da genealogia do Messias, Leonardo Boff assegura que “Mateus quer insinuar que Cristo assumiu os pontos altos e baixos da história e tomou sobre si as ignomínias humanas” (1986, p. 120).

Maria, porém, é judia, e, portanto, não se enquadra na mesma perspectiva das outras quatro mulheres. Sua presença na genealogia, conforme Ratzinger “constitui um novo início e relativiza a genealogia inteira. [...] Maria é um novo início; o seu filho não provém de um homem, mas é uma nova criação: foi concebido por obra do Espírito Santo” (2012, p. 15-16).

Não passa despercebida a ideia de geração perfeita presente na genealogia e simbolizada pelo número 14, que é o somatório das consoantes que formam o nome de Davi. São três as etapas da história salvífica e cada uma encerrando quatorze gerações, totalizando 42 gerações (Mt 1,17). Jesus é situado na história da Israel, sendo o seu ponto culminante: é o Messias que chegou. Como bem observa Joseph Ratzinger:

A estrutura da genealogia e da história por ela narrada está determinada totalmente pela figura de Davi, do rei a quem fora feita a promessa de um reino eterno: ‘O teu trono se estabelecerá para sempre’ (2Sm 7, 16). A genealogia, que Mateus apresenta, está modelada com base na promessa. Está estruturada em três grupos de 14 gerações: primeiro subindo de Abraão até Davi, depois descendo de Salomão até o exílio da Babilônia, para em seguida subir de novo até Jesus, em quem a promessa alcança sua realização. Aparece o rei que permanecerá para sempre, mas completamente diferente daquilo que se poderia imaginar com base no modelo de Davi. (2012, p. 14)

Destaca-se igualmente, a quebra do padrão da narrativa no versículo 16: “Jacó gerou José, o esposo

de Maria, da qual nasceu Jesus chamado Cristo”. Não é dito que José gerou Jesus. Leonardo Boff menciona que origina um problema: “Como inserir Jesus através da árvore genealógica masculina dentro da genealogia davídica se ele não tem pai humano?”, ao que responde: “Para resolver tal problema [Mateus] faz como que um rodapé ou uma glosa e narra a concepção e origem de Jesus” (1986, p. 121).

O texto sagrado relata que Maria estava comprometida em casamento com José, e ainda os dois não haviam coabitado quando ela se achou grávida (Mt 1, 18). Diante do fato, José ficou confuso, e segundo Mateus, resolveu repudiá-la em segredo, pois era justo (Mt 1, 19). É nesse contexto que se dá a aparição do Anjo do Senhor.

Com o anúncio do anjo, José compreende o plano divino e assume a paternidade do menino, dando-lhe o nome de “Jesus”, incluindo-o na linhagem real de Davi. Para Marconcini, esse fato, de dar o nome, assegura que “José ‘legalmente’ introduz Jesus no mundo, possibilitando-lhe ser considerado descendente de Davi (= ‘filho’) ” (2012, p. 143). Dessa forma, José reconhece que a gravidez de Maria é obra do Espírito Santo.

Acerca da atitude de José de pensar em repudiar Maria em segredo, Scott Hahn (2014, p. 29-30) apresenta as três principais interpretações da tradição católica para explicar o fato: 1) Teoria da Suspeita: consiste no fato de José ter duvidado de Maria crendo na possibilidade de um adultério, dúvida sanada com o anúncio do anjo. São Justino Mártir, São João Crisóstomo e Santo Agostinho são os principais adeptos dessa interpretação. 2) Teoria da perplexidade: alega a incompreensão de José perante um fato humanamente inexplicável. Ele, então, opta pelo divórcio em segredo, não querendo acreditar na infidelidade de Maria. São Jerônimo é o principal expoente dessa teoria. 3) Teoria da Reverência: afirma que José tinha plena consciência da miraculosidade do fato, e que se achando indigno de estar envolvido nos planos de Deus opta por uma saída discreta. O anjo, então, o exorta “a abandonar qualquer temor piedoso que tivesse, pois isso o afastaria de sua vocação” (HAHN, 2014, p. 30). São Bernardo de Claraval e Santo Tomás de Aquino são os principais defensores dessa interpretação.

2.2 NASCIDO NO TEMPO DO REI HERODES

“Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, no tempo do Rei Herodes...” (Mt 2, 1). Assim, Mateus inicia o segundo capítulo do evangelho apresentando um histórico-geográfico sobre o nascimento de Jesus de Nazaré. Mateus aponta Belém da Judeia como o lugar do nascimento de Jesus, o que está em conformidade com o evangelho de Lucas. Belém é a cidade do Rei

Davi, lá foi ungido como rei (1Sm 16, 4-13). Jesus, como descendente de Davi, nasce em Belém.

Mateus também faz referência ao Rei Herodes. Aqui se trata de Herodes, o grande, que começou a reinar na Judeia pelo final do ano 40 a.C. (GNILKA, 2000, p. 36). Jesus nasce quando Herodes já está por findar seu reinado. De fato, segundo os pesquisadores, Herodes morreu aproximadamente no ano 4 a.C. (RATZINGER, 2012, p. 56). Mas como pode Herodes ter morrido antes de Cristo? Eis um problema da cronologia absoluta da vida de Cristo (PIERINI, 1998, p. 43-45).

Sabe-se que Dionísio, o Pequeno (ou o Exíguo), cometeu um erro de cálculo ao atribuir o ano do nascimento de Cristo em 753 A.U.C. (*ab Urbe condita*), isto é, ano 753 da fundação da cidade (de Roma). Porém, considerando o testemunho de Flávio Josefo que afirma, Herodes morreu antes do ano 750 A.U.C., e outros dados da historiografia civil, deve-se admitir que, na verdade, Jesus nasceu antes de 750, e, portanto, que há um erro de cálculo na contagem do nascimento de Jesus de Nazaré em pelo menos três anos (PIERINI, 1998, p. 43).

Franco Pierini é, pois, do parecer que Jesus nasceu “depois do ano 746 e antes de 750 ‘ab Urbe condita’” (1998, p. 44), isto é, por volta do ano 4 ou 3 a.C. Para Scott Hahn, o nascimento de Jesus se dá “ou entre 6 a.C. e 4 a.C., ou entre 3 a.C. e 2 a.C.” (2014, p. 32). Fato é que o nascimento de Jesus de Nazaré deve ser situado no lastro temporal de 6 a.C. a 2 a.C.

2.3 A VISITA DOS MAGOS DO ORIENTE

Mateus relata também que por ocasião do nascimento de Jesus magos do Oriente vieram visitá-lo. O texto não se refere a “reis”, nem muito menos a “três”, donde as figuras dos “três reis magos” devem ser buscadas num contexto veterotestamentário, posteriormente assumido pela tradição, como bem explica Joseph Ratzinger (2012, p. 79-83). O fato é que esses magos, sábios astrônomos, vêm do Oriente guiados por uma estrela (Mt 2, 2), trazendo presentes ao menino Jesus, a saber: ouro, incenso e mirra (Mt 2, 11). Leonardo Boff diz:

desde os tempos de João Kepler os cálculos astronômicos têm mostrado que nos anos 7 a.C. ocorreu realmente uma grande conjunção de Júpiter e Saturno na constelação de Peixes. Esse fenômeno não deve ter passado despercebido, já que na época se cultivava muito a crença nas estrelas. Júpiter, para a astronomia helenista, era considerado o rei soberano do universo. Saturno designava o astro dos judeus. A constelação de Peixes estava relacionada com o fim do mundo. Dando-se a conjunção destes astros, os sábios do Oriente, magos que decifravam o curso das estrelas, deram naturalmente a seguinte interpretação: No país dos judeus (Saturno) nasceu um rei soberano (Júpiter) dos fins dos

tempos (Peixes). Eles se põem em marcha e assim se cumprem, para Mateus, as profecias acerca do Messias Jesus Cristo. (1986, p. 126).

Dar a devida ênfase a esse acontecimento astronômico por ocasião do nascimento de Cristo, e ajuda a assegurar o caráter de historicidade da narrativa de Mateus, incluindo até mesmo uma “manifestação da natureza” frente ao nascimento do Messias. Ratzinger, por outro lado, associa ainda a este evento cósmico a profecia veterotestamentária de Nm 24, 17:

A constelação estelar podia ser um impulso, um primeiro sinal para a partida exterior e interior; mas não teria conseguido falar a esses homens se eles não tivessem sido tocados também de outro modo: tocados interiormente pela esperança daquela estrela que devia surgir de Jacó (2012, p. 85).

É preciso admitir que a esperança que envolve os magos é já um sinal do “movimento dos povos para Cristo” (RATZINGER, 2012, p. 85). Teologicamente, os magos representam as nações pagãs, e de acordo com Scott Hahn, “no evangelho de Mateus, esses magos são os primeiros gentios a reconhecer a majestade de Jesus” (2014, p. 32). Mateus quis evidenciar o cumprimento das profecias acerca do reconhecimento das nações pagãs ao Messias de Israel, vindo a Ele para adorá-lo e trazer-lhe presentes (BOFF, 1986, p. 126).

Ouro, incenso e mirra possuem um profundo significado teológico referente ao Mistério de Cristo. Joseph Ratzinger afirma que, “nos três presentes, a tradição da Igreja viu – com algumas variações – representados três aspectos do mistério de Cristo: o ouro apontaria para a realeza de Jesus, o incenso para o Filho de Deus, e a mirra para o Mistério de sua Paixão” (2012, p. 90).

Dessa forma, fica claro que a narrativa sobre os magos do Oriente, com todo o seu significado teológico, deve ser tomada também considerando a historicidade do fato, a partir do qual o autor sagrado extraiu os elementos necessários para a elaboração de sua teologia. Como afirma Marconcini, “no episódio dos magos é preciso distinguir o que é certo e importante do que é secundário e incerto ou fruto de piedosas interpretações seculares. Com certeza, o episódio anuncia a inserção dos pagãos no povo novo” (2012, p. 145).

2.4 A MORTE DOS INOCENTES

Os magos, ao chegarem a Jerusalém, dirigiram-se ao rei Herodes a fim de saber onde estava o menino (Mt 2, 1ss). Herodes, alarmado, viu um perigo iminente contra sua realeza. Assim, pediu aos magos que tão logo encontrassem o menino lhe avisassem para que também fosse adorá-lo. Na verdade, Herodes queria matar o menino. Eles, porém, avisados em sonho, não

voltaram a Herodes, o que de acordo com o evangelho, foi suficiente para desencadear a ira violenta do rei.

É exatamente nesse contexto que se encaixa a narrativa da matança das crianças inocentes e a fuga da Sagrada Família para o Egito: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito. Fica lá até que eu te avise, porque Herodes procurará o menino para matar [...] Então Herodes, percebendo que fora enganado pelos magos, ficou enfurecido e mandou matar, em Belém e em todo seu território, todos os meninos de dois anos para baixo” (Mt 2, 13.16).

Mateus parece apresentar Jesus como o “novo Moisés”. A narrativa da fuga para o Egito e da matança dos inocentes são um perfeito paralelo com a história de Moisés (Ex 1-2, 23), o que suscita a dúvida da historicidade do fato. Afinal, a narrativa seria histórica ou apenas uma releitura teológica do episódio descrito no Êxodo à luz do evento Jesus de Nazaré?

Comprovado historicamente o temperamento violento de Herodes, suas desconfianças e complexo de perseguição (GNILKA, 2000, p. 36-42). Não é de todo impossível que Herodes tenha realmente mandado matar as crianças inocentes, conforme afirma Marconcini: “A matança é perfeitamente admissível nos últimos anos de Herodes, velho, suspeito, sem igual em crueldade, que havia mandado matar três filhos e estrangulado a mulher” (2012, p. 146).

Por outro lado, Leonardo Boff destaca que as fontes históricas da época, sobretudo Flávio Josefo, desconhecem o evento da matança de crianças inocentes (1986, p. 127). Para Joseph Ratzinger, porém,

a realidade histórica do acontecimento é posta em dúvida por um certo número de exegetas com base em outra consideração: tratar-se-ia aqui do motivo, muito difundido, do menino real perseguido; motivo este que, aplicado a Moisés na literatura daquele tempo, teria encontrado uma forma que se poderia considerar como modelo para essa narrativa sobre Jesus. Todavia, na maioria dos casos, os textos citados não são convincentes e situam-se num período posterior ao Evangelho de Mateus. (2012, p. 92).

Ratzinger afirma ser “verdade que, de fontes não bíblicas, nada sabemos sobre esse fato, mas considerando toda a crueldade de que Herodes se tornou culpado, isso não prova que tal delito não tem sucedido” (2012, p. 91). Assim sendo, é perfeitamente plausível acreditar que o autor sagrado retratou uma realidade histórica considerando os traços violentos da personalidade de Herodes e a relação de Jesus com a figura de Moisés, recorrente ao longo do evangelho.

A Sagrada Família fugiu para o Egito, a fim de se salvar da violência de Herodes. Tendo ele falecido, voltaram do Egito e se estabeleceu na Galileia, em Nazaré (Mt 2, 19-23), região submetida à autoridade do tetrarca

Herodes Antipas, irmão do etnarca Arquelau que reinava na Judeia, razão pela qual a Sagrada Família não retornou para lá (Mt 2, 22). Para Marconcini, “a volta do Egito, a matança dos inocentes, a permanência em Nazaré apresentam um Jesus que vive as mesmas experiências do seu povo” (2012, p. 146).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo intentamos apresentar uma síntese das questões mais salientes acerca da narrativa sobre a infância de Jesus segundo Mateus. Essa narrativa está condensada nos capítulos 1 e 2 do evangelho; em um bloco que abrange desde a genealogia, a inclusão de Jesus na história do Povo Eleito e na descendência de Abraão e Davi, até a o episódio da matança dos inocentes, que é o motivo pelo qual se dá a fuga para o Egito.

Não se trata de provar o que é histórico ou não, na verdade, o texto precisa ser visto com as lentes da história e da teologia. Trata-se de evidenciar que Jesus Cristo é um evento histórico, e como tal, o Cristianismo desprovido desse caráter de historicidade não passaria de mera ideologia. Como bem afirma Joseph Ratzinger, “os dois capítulos da narrativa da infância em Mateus não são uma mediação expressa sob forma de histórias, antes pelo contrário: Mateus nos narra verdadeira história, que foi meditada e interpretada teologicamente” (2012, p. 100).

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.
- BOFF, L. **Jesus Cristo Libertador**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GNILKA, J. **Jesus de Nazaré: mensagem e história**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HAHN, S.; MITCH, C. **O evangelho de São Mateus: cadernos de estudo bíblico**. Campinas: Editora Ecclesiae, 2014.
- MARCONCINI, B. **Os Evangelhos Sinóticos: formação, redação, teologia**. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Bíblia História)
- PIERINI, F. **A idade antiga**. Curso de História da Igreja I. São Paulo: Paulus, 1998.
- RATZINGER, J. **A infância de Jesus**. São Paulo: Planeta, 2012.
- ZUURMOND, R. **Procurais o Jesus histórico?** Tradução de Fredericus Stein. São Paulo: Loyola, 1998. (Coleção Bíblica Loyola, vol. 24)

SOBRE OS AUTORES

Felipe Costa Silva

Licenciado em Filosofia. Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATOLICA).

E-mail: felipecosta_voc@hotmail.com

Marcos Augusto Ferreira Nobre

Possui doutorado em Teologia e Ciências Patrísticas pela Pontifícia Universidade Lateranense de Roma (Instituto Patrístico Augustinianum, Roma 2015), realizado com Bolsa CAPES de Doutorado Pleno no Exterior, mestrado em Teologia e Ciências Patrísticas pela Pontifícia Universidade Lateranense de Roma (Instituto Patrístico Augustinianum, Roma 2004), revalidação nacional PUC-Rio, graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade de Santo Tomás de Aquino (Roma 2000), revalidação nacional UECE, graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Urbaniana (Roma 1997). Atualmente é professor tempo integral e Pró-Reitor de Graduação e Extensão no Centro Universitário Católica de Quixadá - UNICATÓLICA, no Ceará. Tem experiência na docência, em nível de graduação, em Teologia, com ênfase em Teologia Patrística, Teologia Trinitária, Escatologia, Pneumatologia, Cultura Religiosa e Antropologia Filosófica. Atuou na área de desenvolvimento social nos seguintes temas: cuidados com a água, valor da pessoa humana, bens relacionais e cultura local. Foi Coordenador de Extensão e Pesquisa. Atuou de março de 2007 a setembro de 2011 na área de Avaliação Institucional, com ênfase nos aspectos qualitativos e legais para autorização e reconhecimento de cursos da Faculdade Católica Rainha do Sertão junto ao MEC, dominando a utilização dos sistemas SAPIEnS e E-MEC. Foi Coordenador da Comissão Própria de Avaliação, Membro do Conselho de Ética, Pesquisador Institucional, Coordenador Institucional e Coordenador do Curso de Especialização em Logoteoria da Faculdade Católica Rainha do Sertão. Participou em 2010 do Seminário ENADE do INEP/MEC e do Seminário de Gestão Integrada e Marketing Estratégico para IES da CM Consultoria e de uma capacitação em Educação a Distância (2009 a 2011). Traduz das línguas antigas: latim, grego, hebraico e copta (último estágio da antiga língua egípcia).

E-mail: marcosnobre@unicatolicaquixada.edu.br